

Dívida mantém Brasil na mira

A dívida externa, de US\$ 100 bilhões no próximo ano, dá ao Brasil um lugar de destaque, atualmente, no noticiário econômico internacional: o giro do presidente do Banco Central, Afonso Pastore, encarrega-se de manter em evidência o problema brasileiro, após o País ter aparecido durante as recentes reuniões do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial como a principal preocupação dos banqueiros credores.

No contexto latino-americano, onde a Colômbia ainda é uma das raras exceções, o Brasil sente-se à vontade: afinal, no conjunto, calcula-se a dívida externa abaixo do Rio Grande em torno de US\$ 300 bilhões, cabendo destaque ao México (US\$ 90 bilhões), Argentina, Venezuela, Chile, Peru etc. Nos Estados Unidos essa situação é referida como a **bomba da dívida**, que pode explodir a qualquer momento em cima dos bancos multinacionais e seus governos.

Apesar do desconforto do primeiro lugar entre os de-

vedores, o Brasil normalmente é visto no exterior — pela comunidade empresarial, especialmente — como um grande problema a curto prazo, mas um mercado de possibilidades ainda maiores a médio e longo prazos. O processo de industrialização encarregou-se de tornar a economia brasileira mais diversificada do que a mexicana e a argentina, em estágios de desenvolvimento semelhantes — e esta diferença parece contar.

Enquanto o México promovia seu endividamento externo para desenvolver a indústria do petróleo (sujeita às variações dos preços internacionais), e a Argentina se debatia entre instabilidade política, desativação industrial e militarização, o Brasil procurou aplicar os empréstimos externos na implantação ou fortalecimento de suas indústrias de base, substituindo importações (como na área de fertilizantes, por exemplo) e garantindo fornecimentos futuros (eletricidade, siderurgia etc.).

Apesar de todas as distorções conhecidas, as exportações brasileiras au-

mentaram rapidamente nos últimos dez anos, com a característica da crescente participação dos produtos manufaturados nas vendas externas, ao lado dos produtos agrícolas; ao mesmo tempo, os últimos choques do petróleo (explosões nos preços do barril da Opep) obrigaram o País a conter o consumo dos derivados e partir para a substituição da gasolina pelo álcool de origem vegetal.

Esta revolução energética parece estar apenas se iniciando, mas as importações de petróleo já diminuem a cada ano e aumentam a frota de veículos movidos a álcool, indicando que nos próximos anos o Brasil poderá ser o primeiro País em fase de industrialização a se tornar independente em termos de combustíveis. Este quadro permite traçar para o Brasil uma perspectiva econômica muito melhor do que para o restante da América latina, embora no momento estejamos todos no mesmo barco: ou, seja, nas mãos dos mesmos credores, que impõem as mesmas políticas recessivas.